




Organizadores:

Virgínia Célia Cavalcante de Holanda
Luiz Antônio Araújo Gonçalves
Antônio Jerfson Lins de Freitas



**Trajetórias de pesquisadores e
os estudos das cidades médias
em perspectiva**



Série
Território
Científico

SER
TÃO
CULT



Virginia Celia Cavalcante de Holanda é graduada e Mestre em Geografia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Doutora em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP). Realizou Estágio Pós-Doutoral na linha de Pesquisa Dinâmica urbana e regional junto ao Programa de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), onde desenvolveu pesquisa: “O Papel da Interiorização do Ensino Superior no espaço Urbano e Regional das cidades médias do Nordeste Brasileiro”. Bolsista Produtividade em Pesquisa da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP), para o período de novembro de 2020 a novembro de 2022.



Luiz Antônio Araújo Gonçalves é bacharel e licenciado em Geografia pela Universidade Estadual do Ceará – UECE, mestre e doutor em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia - PROPGeo/UECE. Realiza Estágio Pós-Doutoral na linha de Pesquisa - Natureza, campo e cidade no semiárido junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará (UFC). Foi Coordenador adjunto do Mestrado Acadêmico em Geografia - MAG/UVA e Pró-Reitor de Extensão e Cultura da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA. Atualmente é Professor Adjunto dos Cursos de Geografia (Bach. e Licenc.) e do MAG/UVA.



Antônio Jerfson Lins de Freitas é graduado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal do Ceará – UFC (2007) e em História – Licenciatura Plena pela Universidade Estadual do Ceará – UECE (2004). Técnico em telecomunicações pelo Centro Federal de Educação Tecnológica do Ceará (CEFET-CE, atual IFCE). Especialista em Docência do Ensino Superior. Mestre em Geografia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA (2019). Cursa segunda licenciatura em Geografia pela Faculdade Estácio do Ceará. Atualmente coordena o conselho editorial da Editora SertãoCult.

Organizadores:

Virgínia Célia Cavalcante de Holanda
Luiz Antônio Araújo Gonçalves
Antônio Jerfson Lins de Freitas

Trajетórias de pesquisadores e os estudos das cidades médias em perspectiva



Sobral-CE
2022



Trajatórias de pesquisadores e os estudos das cidades médias em perspectiva

© 2022 copyright by Virginia Célia Cavalcante de Holanda; Luiz Antônio Araújo Gonçalves; Antônio Jerfson Lins de Freitas. (Orgs)

Impresso no Brasil/Printed in Brasil



Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia



Rua Maria da Conceição P. de Azevedo, 1138
Renato Parente - Sobral - CE
(88) 3614.8748 / Celular (88) 9 9784.2222
contato@editorasertaocult.com
sertaocult@gmail.com
www.editorasertaocult.com

Coordenação Editorial e Projeto Gráfico

Marco Antonio Machado

Coordenação do Conselho Editorial

Antônio Jerfson Lins de Freitas

Conselho Editorial de Geografia

Alberto Pereira Lopes
Carlos Alberto de Vasconcelos
Iapony Rodrigues Galvão
Otávio José Lemos Costa
Paulo Rogério de Freitas Silva
Sandra Llana Mansilla
Telma Bessa Sales
Wendel Henrique Baumgartner

Revisão

Antônio Jerfson Lins de Freitas

Diagramação

João Batista Rodrigues Neto

Capa

João Batista Rodrigues Neto

Catologaao

Leolph Lima da Silva - CRB3/967



T768 Trajatórias de pesquisadores e os estudos das cidades médias em perspectiva. / Organizado por Virginia Célia Cavalcante de Holanda, Luiz Antônio Araújo Gonçalves, Antônio Jerfson Lins de Freitas. – Sobral-CE: Sertão Cult, 2022.

262p.

Série Território Científico, v. 02.
ISBN: 978-85-67960-88-3 - papel
ISBN : 978-85-67960-89-0 - e-book em pdf
Doi: 10.35260/67960890-2022

1. Geografia urbana. 2. Cidade Mdia. 3. Território e Pesquisadores. I. Holanda, Virginia Célia Cavalcante de. II. Gonçalves, Luiz Antônio Araújo. III. Freitas, Antônio Jerfson Lins de. IV. Título.

CDD 910.130776



Este e-book está licenciado por Creative Commons

Atribuição-Não-Comercial-Sem Derivadas 4.0 Internacional

Prefácio

Prefácio? E o que é um prefácio? Fiz e refiz muitas vezes essa indagação. Homenagens? *Bah!* Sobreviver tem sido o lema na pandemia. Esta indagação levou a várias considerações e reafirma a nossa forma de sobreviventes no percurso. Devemos todos receber as maiores homenagens possíveis. E todos sabem o porquê.

Nos dicionários, prefácio é um dito antes (*fatio-prae*), texto que precede a obra, introdutório, curto, com o intuito de preparar o leitor para o que encontrará e com o que se deleitará. É uma escolha. Aqui ele será pelos autores, entrevistados e entrevistadores, principalmente pela afirmação do compromisso com o conhecimento vivo e diverso na compreensão da cidade no urbano e do urbano na cidade.

Ainda na significação do prefácio, diz-se que *utilizá-lo é para tentar seduzir à leitura*, o que torna uma oportunidade de ler o *Trajatórias* como continuidade de um trabalho de longa duração, expressa em agenda do Grupo de Estudo sobre Questões Teóricas e Metodológicas na Pesquisa das Cidades Médias e Pequenas e das atividades do *Laboratório de Estudos Urbanos e Regionais (LEURB)* no Mestrado em Geografia da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), levado adiante no ano de 2020 e realizado através de plataforma digital, gravado e transformado em forma de livro. Esta é uma experiência coletiva extraordinária.

Da feitura do *Trajatórias*, depreende-se como a precarização da atividade acadêmica revela os ufanismos no tempo pandêmico: “os professores precisam se reinventar”, “os professores precisam se adequar para ensinar por meios virtuais”. A produção coletiva, aliada à potência da imagem viva (e falada) com os minutos de fama da *Web*, redefiniu a agenda e a continuidade das trajetórias se fez em exame.

Não obstante, as condições necessárias e indispensáveis para o uso de tecnologias nas pesquisas e no ensino são sempre admiradas e com capilaridade variada nas instituições educacionais. A capacidade dos sujeitos do conhecimento diante das adversidades e a empatia perante as relações docente-discente e nas tarefas orientador-orientando conduziu todos nós a uma reprodução ampliada do conhecimento, com a criação de canais de *Web*, *lives*, jornadas, conversas, entrevistas, defesas e muita divulgação científica, como esta aqui, se multiplicando num turbilhão incoerente.

E tais encontros virtuais já se realizam há muito tempo (ao menos há 15 anos), em exames de qualificações, defesas de mestrado e doutorado e orientações. Nesse período, as experiências da Universidade Aberta do Brasil (UAB) contribuíram para a implantação de cursos de graduação à distância, sobretudo de Matemática, Pedagogia e Letras. Muitos dos recursos foram aprimorados nessa experiência de UAB. As plataformas abertas *Moodle* e *Sigaa* demonstram funcionalidades que carecem de ajustes.

Com isso, os abusos do uso de recursos tecnológicos e a fragilidade das políticas educacionais de tecnologia para ampliação de recursos humanos qualificados e para preparação de equipamentos de qualidade não abalaram os esforços da grande maioria dos colegas professores em aulas, palestras, defesas e debates. Afinal, o uso de plataformas digitais tem sido o *mister* dos docentes e pesquisadores antes e durante o ano de isolamento em 2020.

De sorte que poderia dizer: conheço essa turma. Quer dizer, conheço a maioria dos entrevistados e entrevistadores. E conheço por estar convivendo na mesma temporalidade e por fazer parte de uma geração de professores de Geografia que entendeu ser partícipe em contribuir para estruturar o ensino de pós-graduação e a pesquisa no país, atendendo ao chamado dos órgãos de fomento, sobretudo Capes e CNPq e as agências estaduais de pesquisas. As entrevistas, realizadas entre maio e novembro de 2020, chegam-nos em forma de texto e reforçam os seus conteúdos e objetivos sobre si como sujeito e sobre os objetos de pesquisa.

Alguns conheço *mais de perto*, dos tempos da graduação na Universidade Estadual do Ceará (UECE) ou da Associação de Geógrafos Brasileiros (AGB), ou ainda, por ocasião do mestrado ou do doutorado nas décadas de 1980-90. Com uma delas cheguei até a casar e, na *pequenina* Paraíba, criar

raízes. Sim! Como esquecer as paixões do conhecimento? Como esquecer os ânimos exaltados e os momentos tensos de debates de pesquisa, das contradições, das vontades e onde o inesperado causa uma surpresa?

Não pude deixar de notar - e anotar - que duas das entrevistadas compuseram a minha banca de doutoramento. O que posso dizer hoje é que fazemos pesquisa até ontem. Com uma delas, em especial, aprendemos a luta política e institucional da Associação de Geógrafos Brasileiros (AGB), para “promover e estimular o estudo da geografia”, *uma* das finalidades da AGB. E bem que se diga que a grande maioria presente no *Trajétórias* foi ou está envolvida com esta cachaça chamada AGB, uma espécie de *cruzada agebeana de difusão da geografia*.

Sem pesquisa de campo não se pode falar. Assim, nos aparece uma referência ao Maoísmo da Geografia Francesa, quando se recorda a ambiência da experiência de formação. Este conteúdo exposto no *Trajétórias*, a dinâmica do debate e de seus resultados, pode ser visto tanto como um diálogo sobre a educação intuitiva e inconsciente da comunicação dos sentidos, como uma linguagem estética aprendida pelo estado de exceção pandêmico. E, sem dúvida, como uma riqueza de depoimentos para o estudo das cidades e do urbano. Estar presente no *Trajétórias* é dividir o pano, as varandas e os punhos dessas redes de estudos sobre a cidade e sobre o urbano, partícipe na construção da pesquisa colaborativa.

Certamente poderia qualificar tais trajetórias no âmbito da História da Educação e num amplo campo configurado como práticas escolares. Entrevistas de ou sobre trajetórias nos fornecem rico material de pesquisa para as práticas escolares e são sínteses dos modelos de formação de professores nas instituições às quais estão vinculados. É dessa maneira que as práticas escolares são renovadas; seja pelas trocas de experiências internas aos grupos de pesquisa, seja pela investigação dos conhecimentos. No aspecto geracional, corresponde às *trocadas de figurinhas*, que são as conversas, as derivas nos cafés, nas aulas; nas indicações e sugestões de temas, nas orientações, ajustes e desencontros que se operam na intersubjetividade, entre lares (ou hotéis) e bares.

A exposição das trajetórias de pesquisa, em todos os depoimentos, sem exceção, nos mostra que a prática da Geografia tem sido a formação

de professores; de que “*a prática do geógrafo tem sido o ensino de geografia*”. E, em que pese uma ou outra interpretação em relação aos conceitos e categorias das Ciências da Educação, todos são ou estão envolvidos com currículos, programas, conteúdos, avaliações etc. Tomar contato e adentrar nas experiências de cada um através dos relatos da institucionalidade da pesquisa e da formação profissional, dos entraves da instituição e do ensino é ver e olhar o entusiasmo, o contexto e a atuação em seus respectivos anos de formação. E, como síntese, os resultados: capacidade de auto-organização e condições de trabalho.

Isto posto, os percursos revelados pelos colegas entrevistados se encaixam, como disse, na História da Educação e nas práticas escolares. As dimensões práticas da convivência das pesquisas dos grupos e das pesquisas individuais nos cursos de graduação e pós comportam formas variadas de convivência, pois carregam as contradições das instituições. Portanto, fixá-la na dimensão da história e da educação nos permite sustentar que as pesquisas levadas a cabo pelos grupos aqui expostos é o estudo da cidade e do urbano como um tema subjacente ao trabalho docente com a dupla finalidade: deleitar e ensinar, tão afeitas à poesia homérica.

A despeito disso, revelam a compreensão diversificada das temáticas e a relevância do assunto, seja por amor lefebvriano (ou legoffiano) às cidades, seja por viver suas plenitudes. Agradável constatar, de soslaio, nas trajetórias, a hipótese de que o trabalho coletivo induz suplantando os provincianismos diante da monumentalidade cidadina. Os relatos são repletos da própria história do crescimento e expansão do trabalho da ReCiMe e dos grupos de pesquisa que o transitam, o que certamente se poderia escrever um quase-tratado.

Neste caso aqui, o recorte com tesoura e tesouradas da leitura se deu através das experiências individuais e educativas que nos contam sobre suas preferências, aportes teóricos e posturas profissionais e, sobejamente, sobre parte expressiva da Geografia Urbana brasileira nos últimos 40 anos.

Por fim, não é exagero dizer que provocar o leitor com leituras críticas do *Trajeto* é um tanto fora de propósito. Em cada uma das trajetórias, um ou mais métodos de pesquisa, uma ou mais abordagens teóricas da ciência e da educação são expostos e refeitos. Por óbvio, muitas das ques-

tões colocadas são autoexplicativas para a análise do Brasil urbano. E, como tais, são lideranças acadêmicas exercidas por mulheres (ao menos na ReCiMe) que são as mais capacitadas e aquinhoadas com as qualidades para exercer e porque os demais as qualificam para que a Geografia Urbana produzida seja um *vir-a-ser*.

Prof. Dr. Carlos Augusto Amorim Cardoso

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

A série Território Científico

O que nasceu como uma tentativa de aproximar pesquisadores de diversas áreas, de mobilizar os membros do Conselho Editorial da SertãoCult na elaboração de um material que exprimisse a capacidade da editora em produzir obras com qualidade técnica e com relevância acadêmica, tornou-se um sucesso logo em sua primeira edição.

Após o lançamento do volume *Diálogos sobre a Ditadura*, que reuniu alguns dos maiores pesquisadores sobre a temática no Brasil, a série *Território Científico* chega ao seu segundo volume elaborado a partir de uma parceria com os profissionais ligados ao Seminário da Rede de Pesquisadores sobre as Cidades Médias (ReCiMe). Eis a obra *“Trajetórias de pesquisadores e os estudos das cidades médias em perspectiva”*.

É gratificante concluirmos mais esta contribuição para a comunidade científica, apresentando as trajetórias de algumas das maiores referências da Geografia Urbana brasileira, que no contexto da pandemia da Covid-19 ficaram tão fisicamente distantes, mas nunca tão próximos, unidos através da tecnologia, que permitiu a troca de experiências com colegas de diferentes regiões do país.

Passados alguns meses da realização das entrevistas, finalmente a pandemia dá mostras de arrefecimento. O isolamento que tanto nos custou, começa a dar lugar a reencontros presenciais e estas entrevistas, mais do que um relato de experiências de pesquisa, passam a compor um registro histórico de como a crise sanitária afetou toda a nossa sociedade.

Se a produção científica segue sendo alvo de constantes ataques e aqueles que se dedicam a ela ainda são encarados quase como inimigos do Estado, é mais do que pertinente, mas necessário que todos aqueles

que acreditam na educação, na ciência, no conhecimento se unam e abracem projetos que busquem aproximar essa produção e o público em geral.

Mais um livro se junta à nossa série, nos deixando ainda mais orgulhosos e empenhados em nossa defesa incondicional da ciência.

Que venham os próximos volumes!

Antônio Jerfson Lins de Freitas

Marco Antônio Machado

Coordenadores da Série Território Científico

Apresentação

O livro *“Trajetórias de Pesquisadores e os Estudos das Cidades Médias em Perspectiva”* é resultado das atividades do Grupo de Estudo sobre Questões Teóricas e Metodológicas na Pesquisa das Cidades Médias e Pequenas. O Grupo se formou no contexto da pandemia da Covid-19, no ano de 2020, quando colegas que já desenvolviam estudos ou orientavam temas nessas escalas de cidades, participantes do Laboratório de Estudos Urbanos e Regionais (LEURB), do Curso de Geografia da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), decidiram manter o vínculo com alunos e professores de diferentes instituições de forma interativa, utilizando o *Google meet* para viabilizar o diálogo.

Nesse momento sendo também fundamental que se mantivessem ativas as conversas iniciadas no Seminário da Rede de Pesquisadores sobre as Cidades Médias (ReCiMe), em dezembro de 2019, na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), e que seriam alinhadas em um evento em Sobral, programado para a última semana de maio de 2020, que contaria com a presença pesquisadores da ReCiMe em mesas redondas, conferências, trabalho de campo e reuniões de trabalho com o grupo do LEURB.

Da conjugação dessas necessidades, planejamos apresentar aos nossos alunos o pensamento de pesquisadores amplamente reconhecidos pelos estudos das cidades médias brasileiras, a aproximação indo das leituras de suas publicações, aos diálogos profícuos amparados nas trajetórias destes pesquisadores. Nesse sentido, somos gratos aos professores convidados que, embora envolvidos em muitas atividades, atenderam ao nosso convite e aceitaram participar das conversas em forma de entrevistas e a organização destas para publicação em e-book, numa linguagem coloquial pela espontaneidade das falas, permitindo que outros interessados tenham

acesso aos depoimentos tão inspiradores e carregados muitas vezes de uma mistura de razão e emoção.

Nessa toada, buscamos a valorosa adesão da ReCiMe, em conversas com o professor William Ribeiro da Silva e com a professora Doralice Sátyro Maia que, além do acolhimento à nossa ideia, participaram como entrevistados. Os demais colaboradores entrevistados foram: Maria Encarnação Beltrão Sposito, Rita de Cássia da Conceição Gomes, Zenilde Baima Amora, Antônio Cardoso Façanha, Wagner Vinicius Amorim, Beatriz Ribeiro Soares, Maria José Martinelli Silva Calixto e Saint-Clair Cordeiro da Trindade Júnior. Tivemos também a alegria de contar com o querido Professor Carlos Augusto Amorim Cardoso que nos honrou com o prefácio dessa obra.

A atividade contou com o apoio da *Editora SertãoCult*, que incentivou as gravações das entrevistas dentro do projeto *Território Científico*, que ofereceu suporte a outras publicações no mesmo formato, no âmbito das Ciências Humanas da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) no ano de 2020, com publicações no formato e-book e possibilidade de acesso impresso atendida por demanda.

Por fim, consideramos que a experiência em mobilizar tantos pesquisadores que estudam diferentes cidades médias no território brasileiro foi exitosa. Mas também por conseguimos ampliar os horizontes dos nossos estudantes e contribuímos com a formação universitária e fortalecimento do conhecimento acadêmico num ano tão atípico. Por isso estamos felizes e gratos!

Virgínia Célia Cavalcante de Holanda

Luiz Antônio Araújo Gonçalves

Antônio Jerfson Lins de Freitas

Organizadores

Sumário

Doi: 10.35260/67960890p.16-57.2022

Dialogando, pensando e aprendendo com a trajetória de uma pesquisadora.....16

Prof.^a Maria Encarnação Beltrão Sposito
Prof. Luiz Antônio Araújo Gonçalves

Doi: 10.35260/67960890p.58-74.2022

Os desafios da formação e atuação de uma pesquisadora.....58

Prof.^a Rita de Cássia da Conceição Gomes
Prof.^a Virgínia Célia Cavalcante de Holanda

Doi: 10.35260/67960890p.76-99.2022

Experiências acadêmicas e de pesquisa sobre as cidades médias cearenses.....76

Prof.^a Zenilde Baima Amora
Prof. Luiz Antônio Araújo Gonçalves

Doi: 10.35260/67960890p.100-113.2022

Levantando problemáticas de pesquisa: um convite para pensar a cidade e o urbano no Nordeste brasileiro.....100

Prof. Antônio Cardoso Façanha
Prof. Francisco Clébio Rodrigues Lopes

Doi: 10.35260/67960890p.114-130.2022

Os caminhos da formação e da pesquisa, tecendo uma trajetória.....114

Prof. Wagner Vinicius Amorim
Prof.^a Glauciana Alves Teles

Doi: 10.35260/67960890p.132-146.2022

Dividindo as múltiplas experiências de pesquisa e planejamento em cidades mineiras.....132

Prof.^a Beatriz Ribeiro Soares
Prof. Antônio Cardoso Façanha

Doi: 10.35260/67960890p.148-179.2022

**Desafios, práticas e saberes sobre as cidades médias:
um olhar a partir de Mato Grosso do Sul.....148**

Prof.^a Maria José Martinelli Silva Calixto

Prof.^a Glauciana Alves Teles

Doi: 10.35260/67960890p.180-199.2022

**Sobre escolhas e construção de caminhos, aprendendo com uma
narrativa singular.....180**

Prof.^a Doralice Sátyro Maia

Prof. Luiz Antônio Araújo Gonçalves

Doi: 10.35260/67960890p.200-229.2022

**Aprendendo sobre as cidades médias e pequenas da Amazônia
brasileira.....200**

Prof. Saint-Clair Cordeiro da Trindade Júnior

Prof. Francisco Clébio Rodrigues Lopes

Doi: 10.35260/67960890p.230-255.2022

Um panorama dos estudos das cidades médias em debate.....230

Prof. William Ribeiro da Silva

Prof.^a Virgínia Célia Cavalcante de Holanda

Índice remissivo.....257



Antônio Cardoso Façanha é docente-Pesquisador do Curso de Geografia da UFPI desde 1991. Possui graduação em Licenciatura Plena em Geografia (UECE/1988), Especialização em Nordeste: questão regional e ambiental (UFC/1990), Especialização em Sensoriamento Remoto (UNESP/1991), Mestrado em Geografia (UFPE/1998) e doutorado em Geografia (UFPE/2009). Atualmente é professor Associado III da Universidade Federal do Piauí, tendo desenvolvidos estudos na área de Geografia, com ênfase em Geografia Urbana, Geografia Regional, Geografia do Piauí e Ensino de Geografia. Participa na condição de líder do Grupo de Pesquisa intitulado “Grupo de Estudos Regionais e Urbanos (GERUR), vinculado ao CNPq/UFPI e pertence ao Núcleo de Pesquisa e Extensão em Ensino de Geografia (NUPEG). Foi Coordenador do Mestrado em Geografia da UFPI nos seguintes períodos: 2011/2013 e 2017/2019. Atualmente é Docente-Permanente do Mestrado em Geografia e do Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA) da UFPI.

Levantando problemáticas de pesquisa: um convite para pensar a cidade e o urbano no Nordeste brasileiro¹

Prof. Antônio Cardoso Façanha²

Prof. Francisco Clébio Rodrigues Lopes

Prof. Francisco Clébio Rodrigues Lopes (UVA): Professor Façanha, fale um pouco sobre sua trajetória acadêmica!

Prof. Antônio Cardoso Façanha (UFPI): Eu fiz uma escolha para esse momento, já que o tempo é breve. No sentido de apontar uma direção que possa ser extremamente útil voltado à organização metodológica da elaboração de um trabalho pensando o Nordeste numa perspectiva geográfica. O interesse em discutir o Nordeste é parte de minha trajetória. Vou entrelaçar questões metodológicas com minha formação. Minha graduação foi realizada na Universidade Estadual do Ceará (UECE), concluída em 1988, tinha como um dos pontos de preocupação as dinâmicas industriais. Estudei o Distrito Industrial de Maracanaú, este tem muita relação com Maranguape, onde eu nasci. Em 1990, fiz uma especialização na UFC, com o tema *O Nordeste, questão regional e questão ambiental*, quando, na oportunidade, realizei uma disciplina com a professora Zenilde Baima, intitulada “A indústria no Nordeste e no Ceará”, o que me incentivou a me aproximar mais do tema da indústria. Realizei, ainda, uma especialização na UNESP na cidade de Rio Claro/SP com o tema “Sensoriamento Remoto”. Posteriormente,

1 Entrevista realizada via *Google meet* em 02 de junho de 2020.

2 Professor da Universidade Federal do Piauí (UFPI).

fiz um concurso para professor substituto na UFC, fiquei em segundo lugar. Eu lembro que a banca foi composta pelas professoras Maria Geralda [de Almeida], Zenilde Baima e Tércia Correia Cavalcante. Em 1991, realizei concurso público para professor efetivo na Universidade Federal do Piauí (UFPI) quando, na oportunidade, fui aprovado e dei continuidade à minha trajetória profissional.

Outro aspecto importante de minha atuação e formação profissional foi o ingresso no Mestrado em Geografia, em 1995, na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), sob orientação da professora Tânia Bacelar, inicialmente com temática ligada à industrialização do Ceará. Mas, por questões pessoais, redirecionamos a temática para Teresina. Em 2004, eu ingressei no doutorado sob a orientação da professora Tânia Bacelar novamente, em um tema mais ligado ao Piauí que, naquele contexto, era uma preocupação com o desenvolvimento territorial, olhando apicultura no semiárido, soja no cerrado piauiense, saúde em Teresina e turismo em Sete Cidades e São Raimundo Nonato. Então, após alguns anos na UFPI, ingressei no debate do urbano e do regional, e praticamente essa tem sido a minha trajetória com o fortalecimento do Grupo de Estudos Regionais e Urbanos (GERUR) a partir do ano de 2012. Talvez, especialmente no ponto de vista metodológico, o que a gente pode é colocar as necessidades das particularidades e das homogeneidades, ou seja, o que é comum nas nossas cidades do ponto de vista do habitar, do morar, de sua localização espacial, de tantos outros aspectos, mas também as particularidades ou o que podemos chamar de singularidades.

Agora, paralelo a isso tem uma pesquisa que não é no campo ligado ao urbano, que nós estamos em construção, que é sobre a metodologia da pesquisa científica, necessidade de discutir o tempo, o espaço e a interdisciplinaridade na pesquisa que ao todo são em três dimensões de um trabalho feito em conjunto com alguns da pós-graduação.

A tarefa agora é conversar um pouco sobre a urbanização no Nordeste. Início lembrando que a professora Tânia Bacelar tem trabalhado muito voltado à expressão da dinâmica do Nordeste no sentido da capacidade de produção dessa região e das suas transformações. Eu dividi em dois momentos essa conversa: uma perspectiva que seria sobre os antecedentes espaciais. Aqui eu indico um texto, que é o da professora Tânia Bacelar com o tema “*Nordeste, Nordestes: Que Nordeste? (2000)*”. Nesse trabalho, ela influenciou

muitos outros autores a fazer a discussão de que o Nordeste não é homogêneo; esse Nordeste tem particularidades e diferenciações. A professora Tânia Bacelar, ao fazer toda uma discussão, primeiro fala da economia, de que é preciso a gente sempre ver o Nordeste a partir do que está acontecendo na tendência nacional. Todo o trabalho dela, nesse primeiro texto e nos demais trabalhos, sempre colocou que quando o Brasil vai bem, o Nordeste vai bem, quando o Brasil vai mal, o Nordeste vai mal, ou seja, a realidade do Nordeste tem que ser vista no âmbito do jogo das escalas.

Outra perspectiva é sobre a integração econômica e produtiva. Então, não esquecer de ver o Nordeste sempre nas suas amarrações ou vinculações/desarticulações no campo da economia, mas também traz um aspecto importante nos textos iniciais, que é da heterogeneidade. Afirma que o Nordeste não é homogêneo, que tem processos distintos e que nós precisamos analisar e, para cada processo desse que se manifesta nas sub-regiões, nós podemos ter tempos desiguais, transformações distintas. Diante desse aspecto, ela coloca isso como desafios, para que esses sejam incorporados, principalmente, nas trajetórias dos governos estaduais e no debate também do planejamento regional. Então, interação econômica, heterogeneidade e mais um aspecto em que quando a gente imagina que tudo muda, alguns processos permanecem, então ela usa a categoria permanência, a permanência como uma característica do Nordeste. Recebemos investimentos, recebemos processos tecnológicos de grande capacidade técnica, mas alguns processos persistem, que ela chama de situações de uma estrutura tradicional. Ela aborda alguns aspectos, a exemplo da estrutura fundiária. Nesse debate, ela faz um mapeamento dos principais processos que acontecem no Nordeste, desde o debate do parque industrial, das dinâmicas comerciais e da integração.

No entanto, ela encerra esse primeiro momento dizendo que é preciso não esquecer de que existe ainda uma dimensão social e uma persistência da pobreza. No Nordeste, apesar de ter aspectos positivos do ponto de vista econômico, existem algumas diferenças sociais internas ainda muito fortes. Ela traz alguns elementos importantes que ela chama de velhos e novos acordos sociais, seja na política, na própria organização social, nos movimentos. Esse é o trabalho praticamente que eu diria que é a base da professora Tânia Bacelar. Existe, ainda, uma discussão rica sobre “*Nordeste: herança de diferenciação e futuro da fragmentação (1997)*”. Ela volta

a colocar rapidamente a discussão da herança, de uma herança recente ainda que persiste, da ocupação da faixa litorânea, da formação das metrópoles, das grandes metrópoles no Nordeste brasileiro, mas ela já sinaliza para uma mudança do perfil produtivo. Diz que ainda temos, apesar de um conjunto de diferenças, uma certa homogeneidade econômica na própria região, mas ela também faz um contraponto, que essa região começa a ser impactada pela modernização intensiva. Ela aborda ainda as cidades médias e pequenas, os programas habitacionais do Minha Casa Minha Vida, mas, principalmente, ela tem destacado nesse período o papel das universidades no território do Nordeste, a expansão do Ensino Superior e também o dinamismo do comércio em cidades pequenas e médias. Quando a gente observa as categorias de análise da professora Tânia Bacelar, ela traz uma cartografia da realidade do Brasil. Se faz necessário, ainda, compartilhar o texto “*Nordeste: desenvolvimento recente e perspectivas*” (2013).

Eu diria que esses elementos são necessários para um conjunto de profissionais da Geografia que, ao fazer pesquisa, tenta iniciar a partir do hoje para frente. Eu acho que a gente, para compreender um determinado objeto, não dá para compreender num curto espaço de tempo. A gente deve ter um esforço teórico e metodológico de continuidade de entendimento, acompanhar as mudanças, e como essa realidade muda e quais desafios traz.

Nós temos que começar a visitar ou revisitar os autores clássicos. O que vai chamar a construção de minhas referências numa pesquisa não é o tempo agora, é o objeto de estudo e a problematização. Então, se o objeto de estudo clama para eu revisitar Celso Furtado, Tânia Bacelar e tantos outros, assim eu tenho que fazer. Seria um primeiro momento importante desse Nordeste, de seus antecedentes espaciais, que já é uma discussão muito forte e que todos vocês já têm uma contribuição já dada à própria Geografia Regional e Nacional.

Vamos discutir agora duas perspectivas importantes para entendermos o Nordeste. O trabalho de Doralice Maia, intitulado “*Cidades médias e pequenas do Nordeste: conferência de abertura (2010)*”, principalmente, quando discute e reflete sobre as cidades médias e pequenas nos estudos geográficos. Ali, dá uma sinalização para a gente, que temos que saber fazer o estado da arte, quer dizer, temos que saber revisitar onde nasceram as principais contribuições do que a gente pode chamar de uma Geografia

Urbana e qual seria de fato uma Geografia Urbana e Regional. Quais seriam as principais obras que poderiam explicar o Nordeste? Isso eu não tenho resposta ainda, e merece um esforço de todos nós, mas seria uma questão central para a gente tentar “resolver”. Diante do que nós estamos vendo de mudança, o que seria uma contribuição de uma Geografia Urbana com uma carga de memória do que foi produzido na década de 1970, 1980 e 1990, qual seria essa geografia mais recente de 2000 e a que nós estamos num processo de construção? Quer dizer que só a partir dessa junção é que nós vamos conseguir depois explicar o Nordeste com mais qualidade e capacidade. Outra questão é a necessidade do debate também conceitual, ela faz um esforço muito bom sobre o entendimento e as definições. Essa é uma de suas contribuições. Há necessidade de ver as realidades distintas e ter cuidado em definir as cidades do ponto de vista conceitual, porque o conceito deve ter uma materialidade. O conceito não pode ser só uma construção do ponto de vista abstrato. O conceito tem que ser uma justaposição entre uma construção abstrata e uma realidade. Ela também faz um debate que coloca a necessidade que a gente precisa olhar para essas cidades do Nordeste do ponto de vista dos gastos públicos, o papel dos municípios, dos gestores que ela chama do debate dos serviços administrativos, que tem haver também com as transferências federais e uma mudança importante que é a discussão da saúde e da educação. A chegada de serviços de saúde e de educação nessas cidades pequenas e médias é muito forte. Nesse caso, é preciso a gente entender que esses espaços não são espaços somente de paz, são espaços de conflitos. E as cidades pequenas também enfrentam situações graves do ponto de vista da violência rural e violência urbana.

É necessário talvez integrar o debate de cidade ao debate territorial, quer dizer, como essas cidades estão em relação ao seu território, à existência de idosos e crianças e à ausência de uma população adulta. Eu acredito que, olhando para cidades nessas perspectivas, a gente consegue ver singularidades importantes, mas a gente consegue ver também homogeneidades.

Já o texto intitulado *“As metrópoles do interior do Nordeste: a caracterização de um tipo metropolitano regional (2017)”*, de Ana Paula Gurgel, coloca um debate que contribui com muitas questões colocadas por Doralice Maia, da preocupação conceitual, da necessidade de revermos os trabalhos clássicos de metropolização. Ela traz um recorte de pesquisa,

mas tenta ver as semelhanças que acontecem em relação aos processos nessas cidades. A sua proposta ilustra bem as necessidades conceituais e empíricas para a análise do Nordeste. O texto de Carlos Brandão intitulado as “*Mudanças produtivas e econômicas de reconfiguração territorial no Brasil no início do século XXI (2019)*” resgata os antecedentes das dinâmicas e das transformações técnico-produtiva do território brasileiro e vai fazer um recorte de 2013 a 2018. Ele não detalha especificamente o Nordeste, reflete sobre alguns espaços e traz uma tipologia para pensar o que ele chama de tipologia de investimentos no território do Brasil. Ele traz cinco tipos de território. De forma bem direta, ele vai dizer que ainda tem os Territórios de Tipo 1, que são aqueles da “urbanização (litoral, regiões metropolitanas e capitais) comandados pela rede urbana do Sul-Sudeste”. Os Territórios Tipo 2, que recebem “investimentos pontuais”, transformando-se em “polos isolados ou entraves com baixa indução do entorno e da hinterlândia”. Os Territórios Tipo 3, das “*commodities*”. Os Territórios Tipo 4, conduzidos pelo “Estado em infraestrutura de transportes e energia” e chega a comentar um pouquinho da energia eólica, as mudanças na energia solar. Os Territórios Tipo 5, que vai um pouco ao encontro das reflexões do texto da Doralice Maia e a Tânia Bacelar, que existe ainda um tipo de território muito dependente das políticas sociais, que a gente precisa investigar; as condições de vida que estão mudando, na chegada de equipamentos sociais e, principalmente, no mercado interno de consumo.

Antônio Jerfson Lins de Freitas (*Editora SertãoCult*): O senhor pode falar um pouquinho sobre suas temáticas de pesquisa.

Prof. Façanha: A preocupação inicial veio em relação ao urbano, mas sempre olhando pela atividade econômica baseada na indústria, que me motivou na graduação até os estudos e reflexões da especialização realizada na UFC. Era olhar exatamente as dinâmicas do Distrito Industrial de Maracanaú. Depois veio a ideia de fazer um trabalho sobre evolução urbana de Teresina. Eu consegui selecionar um vasto material bibliográfico da capital piauiense, transformá-lo no recorte espacial de 1970 a 1995, num trabalho de evolução urbana muito baseado nas contribuições do Roberto Lobato Corrêa, Maurício de Abreu e de Pedro Almeida Vasconcelos, que já vinham estimulando reflexões na Geografia Urbana. A escolha se deu em virtude de que na cidade não tinha um trabalho com uma perspectiva de totalidade, existia uma série de trabalhos particulares específicos sobre

temas diversos. Eu resolvi “juntar” tudo isso e trabalhar a dinâmica das zonas de expansão dessa cidade. O que me motivou também foi a possibilidade de poder dialogar com os movimentos sociais nos anos 1990, das federações de moradores e um reconhecimento muito positivo por parte das gestões públicas de me convidarem constantemente para debate, para falar da cidade. O esforço foi sempre de olhar a cidade em sua totalidade, fazer alguns trabalhos pontuais, mas nunca esquecer de que precisamos em algum momento vê-la como um todo.

Jerfson Lins: Professor, o senhor pode falar um pouquinho sobre o trato com as fontes, as dificuldades de aliar a teoria com a prática no campo?

Prof. Façanha: Eu acho uma das questões desafiadoras nos processos de qualificação do mestrando. O que eu vou apresentar para a qualificação? É mais teórica ou já mostrar alguma coisa empírica? Eu acho que um dos aspectos para ser construído sobre isso é em relação a uma boa revisão teórica de alguns autores. A grande questão que se coloca é que, na disciplina de metodologia, eu solicito aos pós-graduandos para responder algumas palavras como metodologia, técnica, epistemologia, categoria e conceito no primeiro dia. O que a gente observa é que eles respondem num texto de três linhas. Na segunda aula, eu peço para eles trazerem um texto com base em dois autores, aí eles trazem uma página. Vão avançando rapidamente! O exercício que eu faço de surpresa na disciplina de metodologia para eles é o seguinte: vamos procurar um determinado tema, aí eles entram no *Google*, então a gente consegue achar uma, duas referências ou três. Na segunda, eu faço: dissertações sobre migrações no Nordeste, depois teses sobre migrações no Nordeste, depois relatórios de pesquisa sobre migração no Nordeste, depois eu coloco grupo de pesquisa do CNPq sobre migração no Nordeste. Se eu fizer tanto iniciando por artigo como em grupo de pesquisa, o que eu chamo para eles é que há uma busca de construir fontes pela horizontalidade. A “horizontalidade” seria uma busca limitada pelo *Google*. Quando eu coloco migração do Nordeste, não achei nada, mas é porque nós não estamos sabendo procurar e fazendo apenas de forma horizontal. Temos que verticalizar a busca. Quando eu coloco grupo de pesquisa, se eu achei dois grupos de pesquisa no Nordeste, eu vou para os líderes, olho os lattes, vou para os membros e olho o currículo lattes, vou para suas produções de artigos e vou para seus artigos de referência. Quando eu integro todas as referências de dois grupos de pesquisa, eu praticamente encurtei aquele caminho anterior

de artigo, dissertação e tese. Nos TCC's, eu peço o caminho de artigo, dissertação e tese como um exercício inicial.

No mestrado, eu peço um mais vertical no sentido de um maior aprofundamento. Entrar no *Google* de forma mais direta e objetiva, não buscando somente pelo título do trabalho, mas buscando as categorias da pesquisa, então a gente chega a um quadro de referência mais qualitativo. Às vezes, a gente acha informações que não são só do plano das pesquisas produzidas nas Universidade e, sim, põem resultar dos relatórios de pesquisa das instituições regionais, nacionais e internacionais. Então, eu tenho que verticalizar nesse sentido a busca e não horizontalizar abertamente só buscando pelo título. A busca tem que ser feita pelo título e pelos subtítulos do capítulo. Aí eu vou conseguir abarcar um conjunto maior de referências. Na disciplina de metodologia, em um quadro, se faz o projeto de pesquisa porque é só eu traçar a metodologia e dizer, como eu já tenho de suporte teórico sobre cada objetivo e como eu vou alcançá-lo, do ponto de vista da técnica. Esse quadro não sou eu que proponho, e sim os pós-graduandos. Qual o grau de verificação de nossos pós-graduandos, orientandos, se estão no caminho certo, qual seria o grau? Quando estaciona, quando ele mesmo chega para a gente e diz: *“professor, já procurei tudo, não tem mais nada”*. Quando não tem “mais nada”, é um bom sinal de que você já fez uma boa busca de referência, essa é a minha forma de orientação.

Prof. Clébio: A questão que eu faço é se haveria espaço para a discussão sobre o desenvolvimento regional. Uma outra questão que eu gostaria também de trazer e dialogar um pouco com um dos textos que você trouxe sobre as metrópoles do interior do Nordeste. Eu acho que tem um debate, que muito se questionou se realmente essas regiões metropolitanas são regiões metropolitanas, se há uma metrópole. É possível diferenciar uma cidade média e a sua hinterlândia de uma região metropolitana que tem como polo uma cidade média? E a terceira é sobre a discussão que veio com o shopping center. Durante muito tempo, na Geografia Urbana se falou da produção de área de centralidade a partir desses equipamentos comerciais. Esses equipamentos comerciais criam uma centralidade ou eles se apropriam de uma centralidade existente? É isso que eu trago para dialogar.

Prof. Façanha: A primeira questão que você coloca, a professora Tânia Bacelar fala que alguns países da Europa têm conseguido implantar um de-

envolvimento regional. Algumas alternativas têm dado certo porque cada país tem uma política de desenvolvimento regional para gerar dinâmica e tudo mais, respeitando o poder central. Mas, ela considera positivo essa existência de manutenção e dá umas pistas. Quando ela veio a Teresina, ela colocou que já havia tendências da redução de uma política de desenvolvimento regional. Recentemente, ela diz que está claro que nós não temos hoje, explicitamente, uma política de desenvolvimento regional. Ao meu entender, eu acredito que ela considera que para uma região como o Nordeste ainda se faz necessário essa estratégia. Eu considero que esse debate ainda se faz importante porque se faz necessária uma discussão do território. Eu vou dar o exemplo do Piauí. Nessa questão regional e da sobreposição na análise das escalas, você tem mais ou menos umas 19 empresas atuando na energia solar e na energia eólica no cerrado piauiense e a presença também muito forte dentro de alguma dessas empresas do capital chinês. Diante disso, a grande questão que se coloca para os piauienses é que tipo de desenvolvimento nós estamos querendo para o Piauí. O Estado reforça bem e valoriza até demais essa política da produção de grãos, então, eu acho que precisamos, sim, pensar as diversas regiões que estão em formação, em mudança. Os apicultores da região do semiárido precisam do apoio de políticas públicas pelo Estado. Se não tiver, a situação se agrava. E isso se aplica também para o marasmo que a gente tem vivenciado, principalmente também no turismo, então, diante disso, eu acho que esse debate ainda é válido. O importante é que o desenvolvimento regional não pode ser visto somente na escala da região.

Sobre essa segunda etapa, eu trouxe esse texto [Ângela Paula Gurgel] para vocês, mas é um texto que eu não fiz muita reflexão sobre ele, não é meu objeto de estudo. Eu acho que é uma questão a ser colocada. Como você fala da necessidade de repensar a capacidade dessa região como aglomerado e vejo essa situação a exemplo do município de Picos. A gente tem uma cidade extremamente forte, do ponto de vista das relações comerciais e educacionais, e é claro que você não tem um perfil parecido com o que aconteceu em regiões metropolitanas. A autora acima coloca as regiões integradas em desenvolvimento. Quando você olha a Região Integrada de Desenvolvimento de Teresina, que envolve treze municípios, incluindo o município de Timon, a gente vê a total inexistência de um debate de região. Para que essas cidades tivessem um conjunto de equipamentos e geração de emprego e renda para que não fosse gerada uma nova região

metropolitana. Para que não deixassem chegar nessas condições. As regiões de integração e desenvolvimento eram uma tentativa de investir nos municípios próximos à capital para que essa situação não se agravasse do ponto de vista dos fluxos. Todos os municípios que envolvem a RIDE de Teresina estão perdendo a população para Teresina. Essa é uma situação que mostra que dificilmente a cidade de Teresina e seu entorno tendem a ser uma região integrada de desenvolvimento.

Sobre a terceira pergunta que você colocou, eu acho que o shopping center analisado não está conseguindo fragilizar as áreas centrais antigas. Todos os centros, como o de Picos, Floriano e de Parnaíba, continuam com a mesma dinâmica, os mercados com a mesma força. Esse de Teresina só tem um pouco de força porque está próximo ao centro antigo, mas ele não tem conseguido ter essa força de centralidade de atrair pessoas de outras regiões. Eu vejo essa situação, shopping center é um espaço que não tem trazido forte centralidade.

Prof.^a Virgínia Célia Cavalcante de Holanda (UVA): A gente pode pensar num futuro mais otimista para o desenvolvimento do Nordeste, a partir de políticas mais endógenas?

Prof. Façanha: Virgínia, Eu assisti um debate com um dos consultores do Consórcio Nordeste e parece que tem mais de 20 pesquisadores que estão dando suporte para a tentativa de fazer com que o Nordeste crie uma articulação maior entre seus governadores e, conseqüentemente, entre os prefeitos. Nós tivemos alguns momentos de acirramento entre Teresina e Timon no fechamento das fronteiras, mas agora, os prefeitos já estão na busca de gestões integradas. Eu acho que é necessário oportunizar, aproveitar esse momento do consórcio e fazer com que o consórcio depois gere um conjunto de alguns pontos e agendas para pensar o Nordeste. Dizer como podem o Piauí e o Maranhão agirem de forma conjunta, o que tem demonstrado que há também algumas semelhanças entre alguns estados. Me parece que o sul do Piauí, principalmente, tem uma integração muito forte com Palmas e com Brasília, então, cabe ao consórcio tentar definir uma política de governança capaz de pensar o território e saber que algumas coisas talvez o governo do Piauí possa resolver em seu território e outras dependem dos outros estados.

Para vocês terem uma ideia, a cidade de Teresina recebe uma quantidade grande de pessoas de São Luiz. São quase 400 quilômetros, então, a carência de serviços de saúde na capital e na região metropolitana de São Luiz tem feito com que muitos migrem em direção à cidade de Teresina. Eu acho que esse momento é de aproveitar, de discutir uma política regional com as nossas características de fato.

Prof. Luiz Antônio Araújo Gonçalves (UVA): À medida em que você tem um projeto, como exemplo de energia solar e eólica, que se redescobre algo a ser aproveitado, mas que as riquezas produzidas no território permanecem numa escala de distribuição da riqueza produzida sempre desigual e combinada, não adiantará discutir o próprio consórcio se não se pensar como distribuir renda. A melhoria dos indicadores não passa somente pelo auxílio emergencial, não passa somente pelo grande projeto homogêneo de exploração de um recurso ou de pontuar espaços luminosos. Isso recoloca a questão que você levantou no seu trabalho de quais outras possibilidades da apicultura, do turismo, dessa diversidade que é o Nordeste e de não centrar apenas num único projeto homogeneizador, industrializante como foi. A pergunta que eu faço é: qual seria um projeto que zele pela distribuição de renda como uma agenda a ser posta para continuarmos pensando o desenvolvimento da região?

Prof. Façanha: Bom, agradecer as colocações! Luiz, uma situação que eu verifiquei na época do trabalho, olhando o Piauí, é que algumas atividades econômicas, a exemplo da soja, a gente tem visto uma força do capital privado dentro do território, o Estado subserviente em relação ao território da soja. Ou seja, qualquer problema que aconteça lá, o Estado aparece rapidamente para atender às suas necessidades: o Estado é refém! Então, a gente observa que é um território de comando privado, o Estado aparece apenas como uma peça. Agora mudou em relação à tentativa de regularização fundiária para as áreas e gerou um impasse muito grande. O Estado praticamente se ausenta da discussão e recua novamente do debate. Mas essa é a principal maneira do Piauí estar no mundo e dizer que o Piauí é produtor de grãos, fica aquela história, entre aspas, de uma “nova fronteira”. Esse é um problema sério porque não valoriza um conjunto de outros investimentos que acontece de caráter mais endógenos, quer dizer, a soja vem como um processo exógeno já no final dos anos 1970, se consolida nas décadas 1980 e 1990, e praticamente, o Estado fica escondido das suas ações em relação a uma atividade que você citou como o da apicultura.

Do ponto de vista do emprego, a apicultura gera muito mais desenvolvimento do que até mesmo a atividade da soja. A apicultura é uma atividade que está enraizada em todo o território piauiense, fortemente mais organizada no semiárido, na região que envolve Picos a São Raimundo Nonato. Com as cooperativas vão se organizando, exportando mel para Europa, Estados Unidos e o Estado tem dado pouco suporte. Lá no Piauí, a apicultura seria um exemplo de atividade que está fortemente presente em quase 60% dos municípios, gerando emprego, renda e melhoria de qualidade de vida. Distribui renda e consolida as pessoas no território, o que qualifica também as próprias relações complementares da pluriatividade, ou seja, o produtor de mel também tem carneiro, tem o milho, tudo isso tem uma capacidade grande de ramificação na região em volta de onde produz.

A energia eólica e a solar geram empregos no começo da instalação das obras. Para vocês terem uma ideia, no município de Marcolândia tem um orientando meu que trabalhou pesquisando os investimentos em energia eólica, o município chegou a ter 1.800 trabalhadores, produzindo as torres de energia eólica. O comércio todo foi se adequando a essa realidade, principalmente proprietários de hotéis, aumentando a quantidade de quartos. Quando as torres foram inauguradas, começaram a funcionar, bastava 30 trabalhadores para mantê-las em funcionamento. De 1.800, só ficaram 30 e a cidade ficou impactada porque muitos fizeram investimentos em restaurantes, hotéis, pousadas, comércio e depois as pessoas sumiram. Isso está acontecendo da mesma forma no município de São João, com a energia solar. Uma quantidade de torres que é considerada uma das maiores empresas e de investimento na América Latina gerou também a euforia e agora a população também está sofrendo depois que a atividade se consolidou e ficaram poucos trabalhadores envolvidos.

No meu trabalho, a apicultura foi a que mais se aproximou da busca de um desenvolvimento territorial. No caso especificamente do turismo, precisa muito da “mão do Estado” e o turismo tem muitos obstáculos do ponto de vista das atividades. Considero que houve aqui, na fase inicial do governo Lula, todo esse esforço, mas depois foi esquecido. Tanto é que no Piauí começou a se fazer a regionalização em 2005, 2006 a partir de regiões de desenvolvimento. Quando o debate de território ganhou dimensão nacional, o Piauí construiu a regionalização de territórios do desenvolvimento e o Maranhão manteve regiões do desenvolvimento. Se você olhar o material de dentro do Piauí, ele traz a preocupação de um território, mas muito parecido com o que Maranhão fez do ponto de vista das regiões. Há um conflito

muito grande que não deu continuidade, então, nossos territórios não são diretamente afetados pelas políticas do Estado. O Estado atua à revelia, dentro do que você chama de espaço seletivo. Atua num local, atua no outro através da interferência política. Eu acho que esse encaminhamento seu é muito interessante para pensarmos em produzir o material depois, sobre quais as particularidades de cada estado e depois tentar isso, uma agenda de proposição em relação ao debate que ocorre.

Nós temos que pensar formas de reestruturação e pensar como esses espaços que estão sofrendo hoje terão menos sofrimento no futuro. As políticas de saneamento, de melhoria de transporte público e isso está revelando o distanciamento que a própria cidade tem entre todos nós.

Abrindo um parêntese: eu acho que a Covid colocou uma situação que eu lembrei agora sobre a dispersão. Todos nós estamos na cidade e não somente na capital, mas nas outras, extremamente desassistidas do ponto de vista da necessidade de saúde. Acho que essa é uma questão interessante que você colocou sobre a dispersão no final, esses espaços das cidades pequenas e médias. Das cidades pequenas, de fato são concretas essa chegada de serviços ou são efêmeros, facilmente podem ser transportados para outro espaço e não ramificados ou consolidados nesses territórios. No final, parece que é uma coisa muito circense, é uma coisa que se chega, montou a clínica, “mas eu fecho em duas horas, levo meus equipamentos”. A gente está vendo os movimentos, as necessidades das pessoas, o medo e a fuga em relação ao que é rural e urbano. Eu acho que essa reestruturação ainda está em processo. Eu acho que é difícil a gente fazer uma análise aqui, mas acho preocupante é que algumas soluções possíveis de saber que tem gente pensando em sair do apartamento para ter uma casa porque vai ter espaço para um quintal. Quer dizer, as pessoas estão começando a dizer que querem um quintal porque não tem onde morar. Nós estamos pensando em saídas extremamente individuais e o que me preocupa é se, ao fim do isolamento, ela pode se dar em direção à casa e ao shopping. Pode ocorrer também que muita gente está pregando, mas em busca do consumo, do restaurante etc. Nós temos que pensar formas de reestruturação e pensar como esses espaços que estão sofrendo hoje terão menos sofrimento no futuro. As políticas de saneamento, de melhoria de transporte público e isso está revelando o distanciamento que a própria cidade tem entre todos nós.

Prof. Clébio: Professor Façanha, obrigado!

Prof. Façanha: Agradeço também!



Este livro foi composto em fonte Swis721 Cn BT, impresso no formato 15 x 22 cm em offset 75 g/m², com 262 páginas e em e-book formato pdf.

Impressão e acabamento:

Abril de 2022.

**Saiba como adquirir o livro
completo no site da SertãoCult**

www.editorasertaocult.com

Editora

**SER
TÃO
CULT**

Série
Território
Científico

SER
TÃO
CULT

O que nasceu como uma tentativa de aproximar pesquisadores de diversas áreas, de mobilizar os membros do Conselho Editorial da Ser-tãoCult na elaboração de um material que exprimisse a capacidade da editora em produzir obras com qualidade técnica e com relevância acadêmica, tornou-se um sucesso logo em sua primeira edição.

Após o lançamento do volume Diálogos sobre a Ditadura, que reuniu alguns dos maiores pesquisadores sobre a temática no Brasil, a série Território Científico chega ao seu segundo volume elaborado a partir de uma parceria com os profissionais na sua maioria da Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias (ReCiMe) que participaram do Grupo de Estudos - Abordagens teóricas e metodológicas nos estudos das cidades médias e pequenas, organizado pelo Grupo de Estudos e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional - GEPPUR e o Laboratório de Estudos Urbanos e Regionais - LEURB/UVA no ano de 2020. Eis a obra “Trajetórias de pesquisadores e os estudos das cidades médias em perspectiva”.

É gratificante concluirmos mais esta contribuição para a comunidade científica, apresentando as trajetórias de algumas das maiores referências da Geografia Urbana brasileira, que no contexto da pandemia da Covid-19 ficaram tão fisicamente distantes, mas nunca tão próximos, unidos através da tecnologia, que permitiu a troca de experiências com colegas de diferentes regiões do país.



ISBN 978-856796088-3



9

788567

960883